

Análise da produção científica sobre autoeficácia no contexto esportivo: um estudo no cenário brasileiro

Analysis of scientific production on self-efficacy in sports context: a study in the Brazilian scenario

Análisis de la producción científica sobre autoeficacia en el contexto deportivo: un estudio del escenario brasileño

*Fabio Oliveira Ramos, **Priscila Lopes Cardozo, **Desirée Goulart Souza, *Ricardo Drews

*Universidade Federal de Uberlândia (Brasil), **Universidade Federal de Pelotas (Brasil)

Resumen. El constructo de autoeficacia ha sido investigado en diferentes áreas del conocimiento, entre ellas el deporte. El objetivo de este estudio fue, por lo tanto, analizar la producción científica sobre autoeficacia en el contexto deportivo en Brasil. Para ello, se realizaron búsquedas de tesis y disertaciones en las bases de datos digitales de la Coordinación de Perfeccionamiento del Personal de Enseñanza Superior (CAPES) y de la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (BDTD). Los datos se recogieron en marzo de 2023 utilizando los descriptores "autoeficacia", "autoeficacia" y "eficacia personal". La búsqueda inicial identificó 1446 tesis y disertaciones (CAPES = 609; BDTD = 837), y tras aplicar los criterios de elegibilidad se seleccionaron 30 trabajos (9 tesis y 21 disertaciones) para su análisis. El primer estudio encontrado fue en 2006, y el mayor número de publicaciones se encontró en 2013 y 2016 (n = 6). La institución de los autores con mayor número de publicaciones fue la Universidad Federal de Pelotas (n = 6), y el voleibol (n = 6) fue el deporte más investigado analizando la autoeficacia. Se puede concluir que el panorama de estudios sobre autoeficacia en el deporte es reciente y con un número relativamente bajo de publicaciones, en comparación con el número de estudios sobre otros temas analizados en el contexto del deporte en Brasil. A su vez, los resultados encontrados enfatizan la importancia de la autoeficacia en el desempeño y mantenimiento de la práctica de diferentes deportes.

Palabras clave: Educación Física; Deporte; Psicología; Revisión; Motivación.

Abstract. The construct of self-efficacy has been investigated in different areas of knowledge, including sport. Therefore, the aim of this study was to analyze scientific production on self-efficacy in the sports context in Brazil. To this end, theses and dissertations were searched in the digital databases of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES) and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD). Data was collected in March 2023 using the descriptors "self-efficacy", "self-efficacy" and "personal efficacy". The initial search identified 1446 theses and dissertations (CAPES = 609; BDTD = 837). After applying the eligibility criteria, 30 studies (9 theses and 21 dissertations) were selected for analysis. The first study found was in 2006, and the largest number of publications was found in 2013 and 2016 (n = 6). The institution of the authors with the highest number of publications was the Federal University of Pelotas (n = 6), and volleyball (n = 6) was the most investigated sport analyzing self-efficacy. It can be concluded that the panorama of studies on self-efficacy in sport is recent and with a relatively low number of publications, compared to the number of studies on other topics analyzed in the context of sport in Brazil. In turn, the results found highlight the importance of self-efficacy in the performance and maintenance of the practice of different sports.

Keywords: Physical Education; Sport; Psychology; Review; Motivation.

Resumo. O constructo da autoeficácia tem sido investigado em diferentes áreas do conhecimento, inclusive no âmbito do esporte. Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi analisar a produção científica sobre a autoeficácia no contexto esportivo, no cenário brasileiro. Para tal, foram realizadas buscas de teses e dissertações nas bases de dados digitais no banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A coleta de dados foi realizada no mês de março de 2023, com a utilização dos descritores "autoeficácia", "auto-eficácia" e "eficácia pessoal". A busca inicial permitiu identificar 1446 teses e dissertações (CAPES = 609; BDTD = 837), sendo que após aplicação dos critérios de elegibilidade 30 trabalhos (9 teses e 21 dissertações) foram selecionados para a análise. O primeiro estudo encontrado foi no ano de 2006, sendo que a maior quantidade de publicações foi encontrada nos anos de 2013 e 2016 (n = 6). A instituição dos autores com maior número de publicações foi a Universidade Federal de Pelotas (n = 6), sendo o voleibol (n = 6) o esporte mais investigado analisando a autoeficácia. Conclui-se que o panorama de estudos sobre a autoeficácia no esporte é recente e com um número relativamente baixo de publicações, em comparação à conjuntura de estudos de outras temáticas analisadas no contexto esportivo no cenário brasileiro. Por sua vez, os resultados encontrados ressaltam a importância da autoeficácia no desempenho e manutenção da prática de diferentes esportes.

Palavras-chave: Educação Física; Esporte; Psicologia; Revisão; Motivação.

Fecha recepción: 18-06-24. Fecha de aceptación: 06-08-24

Ricardo Drews

ricardo.drews@ufu.br

Introdução

A Teoria Social Cognitiva, proposta por Bandura (1986), se baseia em uma visão de agência humana, segundo a qual os indivíduos podem controlar um conjunto de ações e se envolverem de forma proativa em seu próprio desenvolvimento (Pajares & Olaz, 2008). A sua ideia principal é que, diferentemente de outras espécies animais, o ser

humano é capaz de estabelecer metas, efetivar planos de ação, prever possíveis resultados e regular e avaliar o comportamento, visto que a pessoa, o meio e o comportamento exercem influência uns sobre os outros (Bandura, 2008).

Dentre os seus conceitos, a autoeficácia apresenta um papel fundamental na estrutura causal da teoria. Ela refere-se aos julgamentos que as pessoas fazem de sua capacidade ou de sua habilidade para organizar e executar os cursos de

ação necessários para alcançar determinados tipos de desempenhos ou comportamentos (Pajares & Olaz, 2008). Mais especificamente, consiste no grau de convicção que uma pessoa tem de que pode executar com sucesso certo tipo de comportamento necessário para produzir um determinado resultado, sendo influenciado pelas crenças e pensamentos pessoais acerca das próprias capacidades para realizar uma ou um conjunto de tarefas (Bandura, 1977; Feltz, 1992).

Enquanto fenômeno responsável por regular o comportamento humano, a autoeficácia também corrobora para aprimorar o desenvolvimento psicossocial do indivíduo. No encargo de modular as suas condutas comportamentais, a autoeficácia, de maneira geral, exerce influência na forma de pensar, na tomada de decisões, nas escolhas de metas e ações e, ainda, no nível de esforço aplicado e na carga horária demandada, com base em experiências malsucedidas anteriormente (Azzi, Polydoro, & Bzuneck, 2006).

No âmbito específico do esporte, tem-se que a autoeficácia é uma importante determinante e moduladora do rendimento esportivo (Aulia et al., 2024; Balaguer, Amparo, & Villamarín, 1995; Hazizah et al., 2024; Leão et al., 2023; Miralles, Guzmán, & Dorochenko, 2023; Saniah et al., 2024). Ainda, faz-se relevante quando se pensa na aderência e continuidade em exercícios físicos, como também no empenho diante de dificuldades, estímulos e nível de esforço a ser aplicado para cumprir propósitos e ultrapassar entraves (Concha-Cisternas et al., 2023; Hernández, Mata, & Jurado, 2022; Sunarti et al., 2024; Ureña, Ruiz, & Sillero, 2023; Williams & French, 2011). Especificamente tendo como ponto de partida seus dois polos de efeitos - positivo e negativo - pode-se dizer que quando positiva, a autoeficácia ganha importância por ser considerada uma operadora base para o desempenho eficiente de atletas (Bandura, 1994). Em contrapartida, quando negativa tende a acarretar dúvidas, particularmente caso as crenças positivas não tenham sido estabelecidas definitivamente (Bandura, 1994).

Apesar do indicativo da sua influência e relevância no esporte, com publicações de revisões envolvendo a autoeficácia e instrumentos que a mensuraram no contexto esportivo (Machado et al., 2014), autoeficácia no desenvolvimento positivo de atletas praticantes de basquetebol (Gasperin et al., 2022), autoeficácia na aquisição de habilidades motoras (Belo & Senra, 2024), não foram encontrados, até o presente momento, estudos que mapeiem sistematicamente a produção de conhecimento sobre a autoeficácia no contexto esportivo na literatura brasileira. Como apontado por diferentes autores (e.g., Bracht et al., 2011; Lopez, Silveira, & Stigger, 2016), estudos que visam apresentar um apanhado sobre a produção científica de campos investigativos emergentes são necessários, visto que auxiliam na reflexão e norteiam a própria constituição destes recentes contextos de produção. Na mesma direção, conhecer a demanda da produção científica dessa temática poderá auxiliar pesquisadores, treinadores, atletas e gestores no cenário brasileiro a direcionarem esforços que subsidiem a sua prática profissional e gerem avanços acadêmicos e científicos

com maior qualidade em diferentes níveis de atuação.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar a produção científica sobre a autoeficácia no contexto esportivo, no cenário brasileiro. Mais especificamente, os objetivos visam verificar a frequência de estudos analisando a autoeficácia no esporte ao longo dos anos sem restrições de data e investigar as modalidades esportivas em que foi analisada a autoeficácia, bem como examinar os objetivos e resultados dos estudos sobre autoeficácia no esporte publicados em dissertações e teses produzidas em programas de pós-graduação do Brasil.

Método

Estratégia de busca dos artigos

O presente estudo se caracteriza como uma revisão integrativa, visto que essa metodologia permite a inclusão de estudos experimentais e não experimentais, como também possibilita a incorporação de dados da literatura teórica e empírica (Kutcher et al., 2022). As buscas foram realizadas com base nos critérios propostos pelo PRISMA – Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and MetaAnalyses (Rethlefsen et al., 2021) e ocorreram no mês de maio de 2023 em bancos de dados digitais: o Banco de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A coleta de dados foi realizada com a utilização dos descritores “autoeficácia”, “autoeficácia” e “eficácia pessoal”, sendo as buscas para cada descritor realizadas separadamente.

Critério de elegibilidade

Como critérios de inclusão para o estudo foram considerados: (a) dissertações e teses que analisaram a autoeficácia no contexto esportivo; (b) ser publicado até a data de abril de 2023, sendo que não foi estabelecido restrição de datas para busca; e (c) dissertações e teses publicadas em programas de pós-graduação stricto sensu de instituições de ensino superior brasileiras. Como critérios de exclusão, (a) estudos que não possuísem o texto completo na íntegra; (b) estudos que não estivessem em língua portuguesa; e (c) estudos que não mensuraram a autoeficácia.

Seleção dos estudos e extração de dados

Os procedimentos de busca e seleção das dissertações/teses foi realizado por dois pesquisadores de forma independente e em caso de discordância, foi debatido entre os avaliadores até alcançar um parecer final. A análise inicial constou da leitura dos títulos e resumos dos trabalhos. Na fase seguinte, todos os selecionados a partir do resumo foram examinados na íntegra de acordo com os critérios de elegibilidade estabelecidos.

Depois de selecionadas as dissertações/teses, foram extraídos os dados referentes ao ano, autores e suas instituições (autor e orientador), programas de pós-graduação dos autores das dissertações/teses, periódico, título, amostra, objetivo, esporte analisado, informações sobre avaliação e

resultados principais da autoeficácia.

Análise e apresentação dos dados

Os dados coletados foram inicialmente organizados em uma planilha do *Microsoft Office Excel* para posterior análise. Na sequência foram analisados com base em estatística descritiva dos valores absolutos (N) e relativos (%).

Resultados

A busca inicial permitiu identificar 1446 teses e dissertações. Após avaliação inicial de teses/dissertações repetidas, 375 foram excluídas, sobrando 1071. Posteriormente, após análise do título e resumo, 963 teses e dissertações foram retiradas por não analisarem a autoeficácia no contexto esportivo. Posteriormente, 108 estudos foram lidos na íntegra e 42 foram excluídos por não mensurarem a autoeficácia; 34 por não analisarem esportes; e, por fim, dois por não disponibilizarem o texto completo na íntegra. Assim, ao final foram selecionadas 30 dissertações/teses (Figura 1).

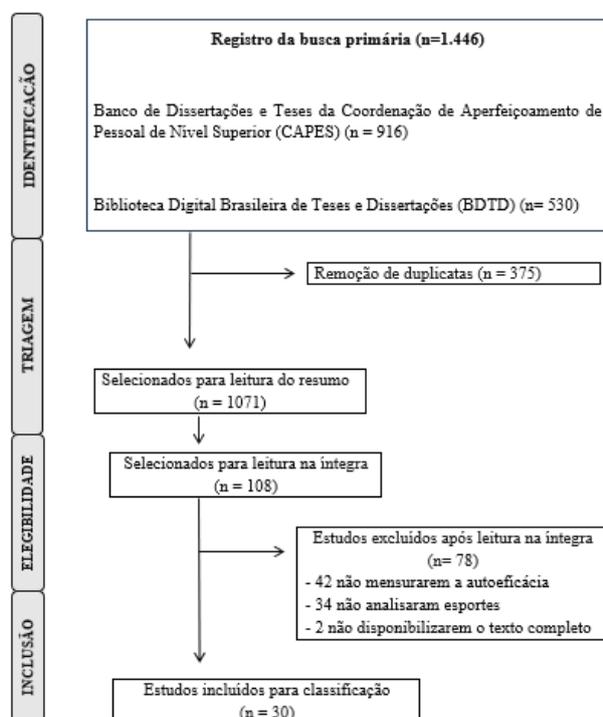


Figura 1. Processo de seleção das dissertações e teses sobre autoeficácia no esporte analisados. Fonte: os próprios autores

Em linhas gerais, foram encontradas 21 dissertações e 9 teses, com um total de 3627 participantes analisados nos estudos. Destes, a maioria era adulto ($n = 2133$), seguido de adolescentes ($n = 1425$), idosos ($n = 45$) e crianças ($n = 24$). No que refere ao seu nível de habilidade ou classificação profissional – com base na terminologia utilizada nos estudos - 1299 eram atletas profissionais, 68 atletas amadores e 127 atletas da categoria juvenil, 84 infantil, 84 infanto-juvenil e 51 juniores. Além disso, 1283 foram classificados como iniciantes ou sem experiência e 631 treinadores de categorias amadora, base e profissional.

A Figura 2 apresenta as datas de publicações de dissertações/teses conjuntamente. A primeira dissertação/tese encontrada foi no ano 2006. Pode ser visualizado que a frequência de publicações sobre a autoeficácia no esporte se manteve relativamente constante ao longo dos anos, apresentando uma maior quantidade de publicações nos anos de 2013 e 2016 ($n = 6$). Logo em seguida, o ano de 2017 apresentou três publicações e posteriormente os anos de 2011, 2018 e 2020, duas publicações. Em outros nove anos (2006, 2007, 2008, 2010, 2012, 2014, 2015, 2019 e 2022), foi verificada uma publicação somente, sendo a frequência de publicações de 1,76 estudo por ano e apenas nos anos de 2009 e 2021, após a primeira aparição, não foi encontrada nenhuma publicação.

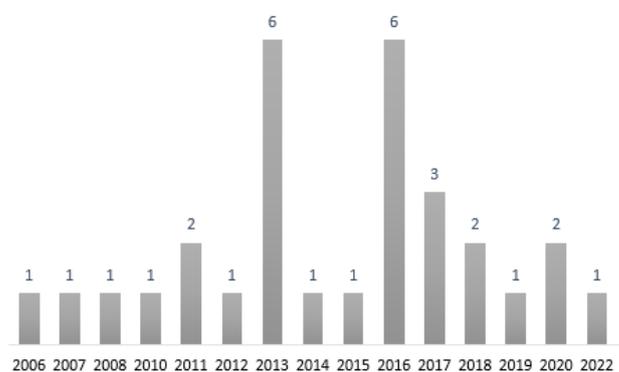


Figura 2. Número de dissertações e teses analisando à autoeficácia no contexto esportivo ao longo dos anos. Fonte: os próprios autores

No que se refere à análise das instituições dos autores das dissertações e teses, a instituição que apresentou o maior número de publicações foi a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) ($n = 6$). Em seguida, a Universidade Estadual de Maringá (UEM) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR) publicaram quatro estudos (Tabela 1). Ademais, a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) apresentou três estudos e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) dois estudos publicados. Ainda, 11 diferentes instituições publicaram apenas um estudo.

Tabela 1. Número de dissertações e teses relacionadas à autoeficácia no contexto esportivo por instituição.

| Instituição | Sigla | N |
|---|---------|---|
| Universidade Federal de Pelotas | UFPEL | 6 |
| Universidade Federal do Paraná | UFPR | 4 |
| Universidade Estadual de Maringá | UEM | 4 |
| Universidade Federal de Juiz de Fora | UFJF | 3 |
| Universidade Federal de Santa Catarina | UFSC | 2 |
| Universidade Federal São Judas Tadeu | UFSJT | 1 |
| Universidade Estadual de Campinas | UNICAMP | 1 |
| Universidade Federal de Sergipe | UFS | 1 |
| Universidade Estadual Paulista | UNESP | 1 |
| Universidade Federal do Rio de Janeiro | UFRJ | 1 |
| Universidade de São Paulo | USP | 1 |
| Universidade Estadual do Norte Fluminense | UENF | 1 |
| Universidade Metodista de Piracicaba | UNIMEP | 1 |
| Universidade Federal de Minas Gerais | UFMG | 1 |
| Universidade Estadual de Londrina | UEL | 1 |
| Universidade de Pernambuco | UPE | 1 |

Fonte: os próprios autores

No que se refere aos programas de pós-graduação dos autores, a maioria era da subárea da Educação Física, com 22 trabalhos, seguida de programas de pós-graduação em Psicologia, com cinco trabalhos (Figura 3). Ainda, foram encontrados estudos oriundos de programas de Ciências do Esporte, Ciências da Motricidade e Cognição e Linguagem do Centro de Ciência, com um trabalho cada.

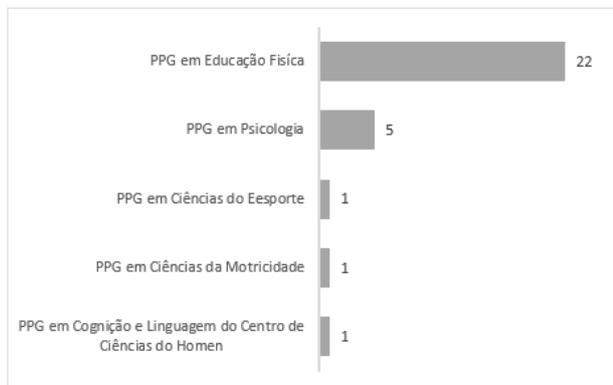


Figura 3. Número de dissertações e teses relacionadas à autoeficácia no contexto esportivo considerando o programa de pós-graduação (PPG). Fonte: os próprios autores

Os esportes mais investigados analisando a autoeficácia foram os esportes em geral, com sete estudos (23,34%), seguidos pelo voleibol, com seis trabalhos (20%) e natação com quatro (13,33%) (Figura 4). Ademais, futebol apresentou três trabalhos analisados (10%) e o balé, tênis e futsal dois trabalhos (6,67%) envolvendo a autoeficácia. Destaca-se ainda outras modalidades, como basquetebol, judô, ginástica rítmica e golfe, que revelaram apenas uma investigação cada (3,33%).

É importante destacar que grande parte dos estudos se enquadraram na classificação de esportes em geral ($n = 7$; 23,34%), em que foram consideradas pesquisas que não especificaram as modalidades esportivas analisadas. Ao total, foram investigadas dez modalidades esportivas diferentes, sendo seis modalidades individuais e quatro modalidades coletivas. Dentre eles, um estudo investigou a autoeficácia no judô paralímpico.

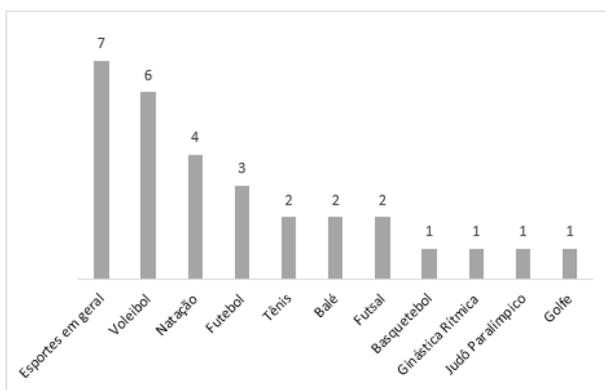


Figura 4. Modalidades esportivas investigadas nas dissertações e teses relacionadas à autoeficácia. Fonte: os próprios autores

Relativamente aos objetivos principais e resultados das

dissertações e teses publicadas, quatro estudos buscaram traduzir, adaptar e validar questionários, dos quais dois foram referentes especificamente a autoeficácia com foco no voleibol, em período competitivo, e outros dois com foco na população brasileira de treinadores esportivos sobre eficácia do treinamento e níveis de estresse, recuperação e prováveis sintomas de burnout (Tabela 2). Os resultados mostraram que a escala de autoeficácia para o voleibol pode ser considerada válida e fidedigna, porém, a utilização da autoeficácia geral percebida não demonstrou ser uma boa medida para analisar a validade concorrente do instrumento de avaliação do saque do voleibol. Na mesma direção, os parâmetros de validade e confiabilidade do instrumento RESTQ-Coach na versão brasileira mostraram serem adequados, como também a escala de eficácia de treinamento.

Da mesma forma, outros setes estudos tiveram como cerne a investigação da autoeficácia na aprendizagem de habilidades motoras. Dois estudos analisaram os efeitos do suporte a autonomia, sendo que um deles buscou compreender a aprendizagem de habilidades motoras da dança manipulando o fornecimento de demonstração e outro manipulando a auto-observação na aprendizagem da natação. Outros três tiveram foco em fatores motivacionais que suportam a competência, com um deles analisando a ameaça do estereótipo e dois os efeitos de concepções de capacidade. Ainda, outros dois analisaram o suporte de relacionamento social na aprendizagem motora. Os resultados mostraram maiores níveis de autoeficácia com suporte a autonomia a demonstração e auto-observação, como também com suporte ao relacionamento social. Já em relação ao suporte a necessidade de competência, grupo de ameaça de estereótipo reduzido demonstrou um maior nível de autoeficácia, o que não ocorreu nos estudos que analisaram concepções de capacidade maleáveis e fixas.

Na mesma direção, oito pesquisas buscaram discorrer sobre autoeficácia e o desempenho esportivo no futebol, natação, futsal, balé, voleibol (3) e tênis. Em sua maioria, relacionando autoeficácia, ansiedade, estresse e desempenho. Os resultados mostram que, quanto maior o nível de autoeficácia, melhor é o desempenho na natação, voleibol e futsal, como também foram encontrados altos níveis de autoeficácia em praticantes de balé com diferentes níveis de habilidade. No futebol, a autoeficácia apresentou correlação significativa fraca de sentido negativo com o desempenho esportivo, como no tênis, em que atletas em determinados momentos estavam com a autoeficácia alta e outro momento baixa durante as competições.

Outros cinco estudos se dedicaram a analisar intervenções esportivas com mensuração da autoeficácia, sejam elas na análise da melhora no desempenho do nado crawl em prova de 750m após intervenção psicológica do autoinforme motivacional, como na utilização imagética motora sobre o desempenho de atletas de basquetebol. Também foram analisadas autorregulação da aprendizagem em jogadores profissionais de futebol americano e percepção de intensidade da carga de treinamento em atletas de natação, além de um estudo que verificou a percepção da autoeficácia

competitivas de atletas paralímpicos de judô e a percepção do treinador sobre a eficácia competitiva de seus atletas. Os achados mostraram aumento da autoeficácia a partir intervenção psicológica do autoinforme motivacional na natação e da autoregulação da aprendizagem no contexto do futebol americano. Além disso, judocas e treinadores passaram a perceber a eficácia das habilidades físicas e psicológicas dos atletas de maneira mais parecida, conforme o aumento do tempo de relacionamento entre eles. Por sua vez, a percepção de autoeficácia não sofreu alteração da sessão de imagética em jogadores de basquete, como também os atletas revelaram uma menor autoeficácia, aceitação pessoal e qualidade do sono e um maior estresse na competição principal, a partir do treinamento de natação.

Para além dos estudos agrupados conforme semelhança de objetivos, dispõe-se de outros seis estudos com temas e propósitos destoantes entre si. Dentre os focos abordados têm-se, por três estudos, análises da autoeficácia no contexto do esporte e saúde, sendo analisadas a associação autoeficácia, o nível de qualidade de vida e o suporte social em atletas de voleibol de rendimento e relação preditiva entre a autoconfiança esportiva autoeficácia geral, qualidade de vida e bem-estar subjetivo no contexto esportivo. Além disso, também foi analisada a resiliência, estresse, recuperação, e lesões no contexto de ginástica rítmica de elite ao longo de uma temporada. Os resultados encontraram que a autoeficácia geral teve associação com bom nível de qualidade de vida e alto suporte social no contexto dos atletas de voleibol, como também correlação da resiliência e número de lesões com a autoeficácia em atletas da ginástica. Ainda, autoeficácia geral foi uma das variáveis que predisseram aproximadamente 42% da variação da autoconfiança no contexto esportivo.

Nesse contexto, um estudo analisou a relação entre os escores dos testes psicométricos e as medidas fisiológicas

utilizadas na monitoração das cargas de treino em atletas recreacionais, sendo que os resultados mostraram o RESTQ-Sport como único questionário que demonstrou correlações significativas, sendo que relações positivas aconteceram entre a escala de autoeficácia e variabilidade da frequência cardíaca. Em outro estudo foi analisada força da interação entre a experiência positiva de adolescentes no esporte e a autoeficácia percebida e, em outro estudo, foi identificado e analisado os motivos para a prática esportiva e a autoeficácia em atletas. Os resultados desses dois estudos mostraram a influência positiva e significativa da autoeficácia percebida sobre a experiência positiva dos jovens no esporte, sendo que os motivos mais importantes para a prática esportiva foram competição, competência técnica e aptidão física. Além disso, foi verificado que a autoeficácia sofre variação em função do atleta possuir ou não o auxílio financeiro e em função da modalidade esportiva que se pratica.

Por fim, em relação a como a autoeficácia foi analisada, 15 estudos utilizaram a escala de autoeficácia geral, sendo cinco com a escala de autoeficácia geral percebida (Schwarzer & Jerusalem, 1995) e seis com o questionário de autoeficácia (Bandura, 2006), além do questionário de autoeficácia geral (Pacico et al., 2014), escala de percepção geral da autoeficácia percebida (Coimbra & Fointaine, 1999), escala de autoeficácia geral (Bosscher & Smit, 1998) e escala de percepção de autoeficácia no esporte (Jackson et al., 2012). Ainda, outros cinco estudos utilizaram questionários sobre autoeficácia específicos para determinado esporte, sendo eles no futebol, natação, balé e voleibol (2). Da mesma forma, outros quatro estudos utilizaram o questionário de recuperação no esporte (RESTQ-Sport-76) (Kellman & Kallus, 2001) e um utilizou o *Coaching efficacy Scale* (Feltz et al., 1999). Além dos já citados, dois estudos utilizaram questionários customizados e outros dois utilizaram entrevistas semiestruturadas.

Tabela 2.

Informações das dissertações e teses analisando autoeficácia no contexto esportivo encontradas no banco da CAPES e BDT

| Instituição | Ano | Autor(a) | Título | Objetivo | Amostra | Autoeficácia | Resultados principais autoeficácia |
|---|------|-------------------------------|---|---|--------------------------------------|--|---|
| Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP | 2006 | Ana Paula do Carmo | Adaptação e validação de uma escala de autoeficácia para o voleibol | Traduzir, adaptar e iniciar o processo de validação de instrumento destinado a avaliar a autoeficácia de atletas do voleibol em momentos que antecedem a partida | N= 88; | Escala de auto-eficácia no voleibol | A escala de autoeficácia para o voleibol pode ser considerada válida e fidedigna, podendo ser utilizada como uma importante ferramenta para pesquisadores interessados em explorar o constructo da autoeficácia em atletas do voleibol |
| | | S= 27H e 61M; | | | IM= 18,2; | | |
| Universidade Estadual Paulista – UNESP | 2007 | Ricardo Macedo Moreno | Auto-eficácia de tenistas e desempenho esportivo: perspectivas da psicologia do esporte | Investigar a percepção da auto-eficácia do tenista em suas diferentes dimensões | N= 8; | Entrevista semiestruturada | Os resultados mostraram que para os atletas em determinados momentos estava com a autoeficácia alta (e.g., o treino foi considerado como um polarizador da auto-eficácia) e outro momento baixa (e.g., a comparação do nível técnico do adversário com o seu próprio diminuiu a auto-eficácia |
| | | S= M; | | | IM= 16 a 18; | | |
| Universidade Federal do Paraná – UFPR | 2008 | Marco Antonio Cabral Ferreira | A influência da autoeficácia e da ansiedade em jogadores de futebol | Investigar a associação da autoeficácia e ansiedade com o desempenho em jogadores de futebol | N= 218; | Questionário de autoeficácia no futebol (Bray, Balaguer, & Duda, 2004) | Autoeficácia apresentou correlação significativa fraca de sentido negativo com o desempenho esportivo |
| | | S= M; | | | IM= 18,97 ± 4,86; | | |
| Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF | 2010 | Simone Salvador Gomes | Quando o jogo flui: uma investigação sobre a teoria do fluxo no voleibol | Investigar a relação entre fluxo no voleibol e outras variáveis psicológicas como motivação, autoeficácia e capacidade percebida | N= 12; | Entrevista semiestruturada | A autoeficácia foi considerada alta, estando acima de 70% em todas as fases de competição |
| | | S= M; | | | IM= 23,41 ± 1,01; | | |
| Unidade Federal de Minas Gerais – UFMG | 2011 | Varley Teoldo da Costa | Adaptação e validação do RESTQ-Coach para a população brasileira de treinadores esportivos e análise dos constructos de estresse, recuperação e sintomas da Síndrome de Burnout | Testar a proposta original do instrumento RESTQ-Coach, validar o questionário para a versão brasileira e mensurar os níveis de estresse, recuperação e prováveis sintomas de burnout em treinadores brasileiros | N= 424; | Questionário de Recuperação no esporte (RESTQ-Sport-76) (Kellman & Kallus, 2001) | Os parâmetros de validade e confiabilidade do instrumento RESTQ-Coach na versão brasileira mostraram serem adequados para este novo arranjo organizacional dos itens dentro de seis novos constructos, sendo um deles a autoeficácia |
| | | S= M; | | | IM= 37,06 ± 9,20; | | |
| Universidade Estadual de Maringá – UEM | 2011 | Paulo Vitor Suto Aizava | Autoeficácia, qualidade de vida e suporte social relacionados ao esporte de rendimento | Investigar o grau de associação entre a autoeficácia geral percebida o nível de qualidade de vida e o suporte social em atletas de voleibol de rendimento | N= 86; | Escala de autoeficácia geral percebida (Schwarzer & Jerusalem, 1995) | A autoeficácia geral teve associação com bom nível de qualidade de vida e alto suporte social no contexto dos atletas de voleibol |
| | | S= M; | | | NH= Atletas profissionais e amadores | | |
| Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ | 2012 | Aline Arias Wolff | Autoeficácia, desempenho e stress em atletas de natação de alto rendimento | Investigar a relação existente entre níveis de autoeficácia e desempenho, autoeficácia e stress diagnosticado e stress diagnosticado em atletas de alto rendimento de natação | N= 42; | Escala de autoeficácia para a natação | Os resultados demonstraram que, quanto maior o nível de autoeficácia, melhor é o desempenho |
| | | S= 30H e 12F; | | | IM = + 18; | | |

| | | | | | | | |
|--|------|---|--|---|--|--|---|
| Universidade Federal do Paraná – UFPR | 2013 | Thais do Amaral Machado Joice Mara Facco Stefanello* | Validação da escala de autoavaliação do saque do voleibol | Validar a tradução e adaptação transcultural da volleyball <i>Serving self evaluation scale</i> para a língua portuguesa corrente no Brasil | N= 256; S= M e F; NH= atletas da categoria infantil, infantojuvenil e profissionais | Escala de autoeficácia geral percebida (Schwarzer & Jerusalem, 1995) | Escala de autoeficácia geral percebida não demonstrou ser uma boa medida para analisar a validade concorrente do instrumento de avaliação do saque do voleibol |
| Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC | 2013 | Andréa Duarte Pesca Roberto Moraes Cruz* | Avaliação da eficácia de treinamento na percepção de treinadores de modalidades esportivas | Adaptar e validar a Escala de Eficácia de Treinamento <i>Coaching efficacy scale</i> para o contexto brasileiro | N= 207; S= 182H e 27M; IM= 37,9; NH= Técnicos das categorias de base e profissional | <i>Coaching efficacy scale</i> (Feltz et al., 1999) | A escala de eficácia de treinamento apresenta evidências de validade de construto adequadas ao modelo teórico e aos propósitos deste estudo |
| Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF | 2013 | Thiago Azevedo da Silva Vera Lúcia Deps* | O comportamento em treinamento técnico de jogadores profissionais de futebol: um estudo na perspectiva da autorregulação da aprendizagem | Analisar se os jogadores profissionais do americano futebol clube, apresentam comportamento condizente às variáveis correspondentes às dimensões que integram o construto da autorregulação da aprendizagem | N= 32; S= M; IM= 18 a 33 anos; NH= Atletas profissionais | Entrevista customizada | Os atletas apresentaram melhor domínio na dimensão motivacional, principalmente no que diz respeito à crença de autoeficácia (100% do grupo) |
| Universidade Federal de Pelotas – UFPEL | 2013 | Caroline Valente Heidrich Suzete Chiviacowsky* | Efeitos da ameaça do estereótipo na aprendizagem motora do futebol feminino | Verificar os efeitos da ameaça do estereótipo negativo, na aprendizagem de uma tarefa motora de futebol | N= 36; S= F; IM= 20 a 33; NH= Iniciantes | Questionário de autoeficácia (Bandura, 2006) | Os participantes do grupo de ameaça do estereótipo reduzido demonstraram um maior nível de autoeficácia em relação ao grupo de ameaça do estereótipo |
| Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF | 2013 | Francine Casetano de Andrade Maurício Gattás Bara Filho* | Comparação entre diferentes parâmetros de controle da carga interna e externa de treinamento, recuperação e rendimento em atletas de natação | Comparar a percepção da intensidade da carga de treinamento planejada pelo técnico com a intensidade percebida por atletas juvenis de natação | N= 17; S= 10H e 7F; IM= 15,2 ± 0,57; NH= Atletas da categoria juvenil | Questionário de recuperação no esporte (RESTQ-Sport-76) (Kellman & Kallus, 2001) | Durante a competição principal, os atletas tinham uma menor autoeficácia, aceitação pessoal e qualidade do sono e um maior estresse geral, mas que não foram suficientes para alterar significativamente a relação recuperação-estresse do RESTQ - Sport-76 |
| Universidade de São Paulo- USP | 2013 | Priscila Garcia Marques da Rocha Umberto Cesar Corrêa* | O efeito do controle do aprendiz sobre a auto-observação na aprendizagem motora | Investigar o efeito do controle do aprendiz sobre a auto-observação e autoeficácia na aprendizagem motora | N= 110; S= M e F; IM= 20,7 ± 0,44; NH= Iniciantes | Escala de autoeficácia geral percebida (Schwarzer & Jerusalem, 1995) | A auto-observação melhorou a crença de autoeficácia, independente da escolha |
| Universidade Estadual de Londrina – UEL | 2014 | Thiago Ferreira Dias Kanthack Leandro Ricardo Altimari* | Imagética motora: efeito sobre o desempenho de lance livre no basquetebol – Estudo 3 | Investigar os efeitos agudos da imagética motora sobre o desempenho de atletas de basquetebol | N= 11; S= M; IM= 17,6 ± 0,5; NH= Profissionais da categoria juvenil | Escala de percepção geral autoeficácia Percebida (Coimbra & Fointaine, 1999) | A percepção de autoeficácia não sofreu alteração da sessão de imagética |

| | | | | | | | |
|---|------|---|---|--|--|--|--|
| Universidade Federal de Pelotas - UFPEL | 2015 | Anielle Conceição Lemos Suzete Chiviacowsky * | Efeitos da demonstração autocontrolada na aprendizagem de uma habilidade motora sequencial do ballet clássico em crianças | Examinar os efeitos da demonstração autocontrolada na aprendizagem de uma habilidade motora sequencial do ballet clássico em crianças | N= 24; S= F; IM= 10,58 ± 0,5; NH= Inician-tes | Questionários de autoeficácia (Bandura, 2006) | A demonstração autocontrolada leva a maior autoeficácia, quando comparada à demonstração externamente controlada |
| Universidade Federal do Paraná – UFPR | 2016 | Lorena Fernanda de Matos Gleber Pereira* | Efeitos do autoinforme motivacional no desempenho do nado | Verificar se há melhora no desempenho do nado a crawl em prova de 750m com triatletas amadores após intervenção psicológica do autoinforme motivacional | N= 21; S= 15M e 6F; IM= 20 e 30 anos; NH= Atletas amadores | Questionário customizado | A autoeficácia melhorou significativamente após intervenção no grupo autoinforme motivacional, enquanto o grupo autoinforme neutro não alterou significativamente |
| Universidade Federal de Juiz De Fora – UFJF | 2016 | Francine Caetano de Andrade Nogueira Lelio Moura Lourenço* | Crença de autoeficácia e ansiedade em atletas de voleibol | Caracterização psicológica de atletas de voleibol em relação à autoeficácia e ansiedade pré-competitiva ao longo de uma temporada competitiva | N= 32; S= M; IM= 26,46 ± 5,51; NH= Atletas profissionais | Escala de autoeficácia individual para o voleibol (Carmo, 2006) | Os atletas de voleibol apresentaram, no geral, um perfil de altos níveis de autoeficácia |
| Universidade Federal de Sergipe – UFS | 2016 | Michel Habib Monteiro Kyrillos Afrânio de Andrade Bastos* | Motivos para a prática esportiva e o senso de autoeficácia em atletas – Estudo 3 | Identificar e analisar os motivos para a prática esportiva e a autoeficácia em atletas | N= 99; S= 56H e 46M; IM= 14,3 ± 3,54; NH = Atletas profissionais | Escala de autoeficácia geral percebida (Schwarzer & Jerusalem, 1995) | Os resultados revelaram que a autoeficácia sofre variação em função do atleta possuir ou não o auxílio financeiro e em função da modalidade esportiva que se pratica |
| Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP | 2016 | Riller Silva Reverdito Roberto Rodrigues Paes* | Pedagogia do esporte e modelo biológico do desenvolvimento humano: indicadores para avaliação de impacto em programa sócio esportivo – Estudo 3 | Observar a força da interação entre a experiência positiva de adolescentes no esporte e a autoeficácia percebida e controlando tempo de participação | N= 821; S= 588M e 28,4F; IM= 13,6 ± 1,5; NH= Inician-tes | Escala de autoeficácia geral (Bosscher & Smit, 1998) | Houve influência positiva e significativa da autoeficácia percebida sobre a experiência positiva dos(as) jovens no esporte, que foi reforçada pelo tempo de participação no programa |
| Universidade Estadual de Maringá – UEM/UEL | 2016 | Tatyanne Roiek Lazier-Leão José Luiz Lopes Vieira* | Análise do nível de resiliência, Auto-eficácia e motivação entre bailarinos alunos e Profissionais | Analisar as variáveis psicológicas, resiliência, auto-eficácia e motivação em bailarinos profissionais e alunos considerando os diferentes grupos | N=135; S = SI IM = 15,0 (12,0-21,0); NH = 112 alunos e 23 profissionais | Escala de Auto-eficácia para Bailarinos | Os resultados indicam que profissionais e alunos apresentam menor autoconfiança, capacidade de adaptação a situações, nível elevado de auto-eficácia física e psicológica |
| Universidade Federal de Pelotas – UFPEL | 2016 | Alessandra Reis da Silva Suzete Chiviacowsky* | Concepções de capacidade e aprendizagem de uma habilidade motora esportiva em adolescentes | Verificar os efeitos das concepções de capacidade no desempenho e aprendizagem de uma habilidade motora do futsal em adolescentes | N = 45; S = 24M e 21H; IM = 16,84 ± 0,77; NH = iniciantes | Questionário de autoeficácia (Bandura, 2006) | Os resultados mostraram que não houve diferenças na autoeficácia entre os grupos de concepções maleáveis e fixas nas diferentes fases do estudo |
| Universidade São Judas Tadeu – USJT | 2017 | Carolina de Campos Maria Regina Ferreira Brandão* | Eficácia percebida por atletas e treinador de judô paralímpico | Avaliar a percepção da autoeficácia competitivas de atletas paralímpicos de judô e a percepção do treinador sobre a eficácia competitiva de seus atletas | N= 11; S= 6M e 5F; IM= 30,18 ± 7,61; NH= Atletas profissionais | Questionário customizado | Judocas e treinadores passaram a perceber a eficácia das habilidades físicas e psicológicas dos atletas de maneira mais parecida, conforme o aumento do tempo de relacionamento entre eles |

| | | | | | | | |
|---|------|--|---|--|---|--|---|
| Universidade Estadual de Maringá – UEM | 2017 | Renan Condohato Lenamar Fioresse Vi-eira* | Resiliência, estresse e lesões no contexto da ginástica rítmica de elite | Investigar as relações entre resiliência, estresse, recuperação, e lesões no contexto de ginástica rítmica de elite ao longo de uma temporada | N= 8; S= F; IM= 20,4 ± 2,5; NH= Atletas profissionais | Questionário de Recuperação no esporte (RESTQ-Sport-76) (Kellman & Kallus, 2001) | A resiliência revelou correlação entre as variáveis psicológicas que podem ser consideradas como positivas, sendo uma delas a autoeficácia |
| Universidade de Pernambuco / Universidade Federal da Paraíba UPE/UFPB | 2017 | Gustavo da Silva Félix Alexandre Sérgio Silva* | Relação de testes psicométricos com variáveis fisiológicas utilizadas no controle das cargas de treino em atletas recreacionais | Analisar a relação entre os escores dos testes psicométricos e as medidas fisiológicas utilizadas na monitoração das cargas de treino em atletas recreacionais | N= 102; S= 86M e 16F; IM= 36,2±11,4M e 36,8±9,9F NH= Atletas profissionais | Questionário de estresse e recuperação para atletas (RESTQ-Sport) (Kellman & Kallus, 2001) | O RESTQ-Sport foi o único questionário que demonstrou correlações significativas, sendo que relações positivas aconteceram entre a escala de Auto eficácia e variabilidade da frequência cardíaca |
| Universidade Federal do Paraná – UFPR | 2018 | Thais do Amaral Machado Joice Mara Facco Stefanello* | Autoeficácia de atletas de voleibol de alto rendimento – Estudo 4 | Avaliar a relação entre autoeficácia no voleibol e eficácia do desempenho de atletas de equipes de voleibol de alto rendimento | N= 65; S= 33M e 32F; IM= 26,93 ± 1,36; NH= Atletas profissionais | Escala de autoeficácia geral percebida (Schwarzer & Jerusalem, 1995) | A avaliação da autoeficácia dos atletas de alto rendimento demonstrou que os atletas avaliados têm crenças de autoeficácia fortes a muito fortes, sendo possível perceber pela aplicabilidade da Escala de Autoeficácia no voleibol |
| Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC | 2018 | Gabriela Frischknecht Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes* | Avaliação da autoconfiança esportiva em atletas - Estudo 4 | Verificar a relação preditiva entre a autoconfiança esportiva e as suas fontes, bem como entre a autoconfiança esportiva, suas fontes, variáveis de perfil, autoeficácia geral, qualidade de vida e bem-estar subjetivo | N= 505; S= 268M e 237F; IM= 24,5 ± 8,1; NH= Atletas profissionais | Questionário de autoeficácia geral (Pacico et al., 2014) | Os resultados do quarto estudo indicaram que autoeficácia geral foi uma das variáveis que predisseram aproximadamente 42% da variação da autoconfiança |
| Universidade Federal de Pelotas – UFPEL | 2019 | Carlos Ricardo Becker da Silva Suzete Chiviacowsky* | Relacionamento social e aprendizagem motora em idosos | Examinar o impacto da satisfação da necessidade psicológica básica de relacionamento social no contexto do desempenho e aprendizagem de uma habilidade motora, bem como na motivação, autoeficácia percebida e afeto positivo, em idosos | N= 45; S= M e F; IM= 71,4 ± 7,55; NH= Sem experiência | Questionário de autoeficácia (Bandura, 2006) | Os resultados demonstraram maior autoeficácia para os grupos que tiveram suporte ao relacionamento social |
| Universidade Federal de Pelotas – UFPEL | 2020 | Matheus Maron Valério Ricardo Drews* | Efeitos das concepções de capacidade na aprendizagem motora em uma condição autocontrolada de feedback | Investigar os efeitos das instruções de concepções de capacidade motora em uma condição autocontrolada de fornecimento de feedback | N= 45; S= 31M e 14F; IM= 25,9 ± 4,1; NH= Sem experiência | Questionário de autoeficácia (Bandura, 2006) | A medida de autoeficácia não apresentou diferenças entre os grupos com diferentes concepções de capacidade nas diferentes fases do estudo |
| Universidade Federal de Pelotas – UFPEL | 2020 | Angélica Kaefer Suzete Chiviacowsky* | Relacionamento social e aprendizagem motora em adolescentes | Investigar se os efeitos do relacionamento social na aprendizagem motora em adolescentes | N= 45; S= F; IM= 15,7 ± 1,1; NH= sem experiência | Questionário de autoeficácia (Bandura, 2006) | Os resultados demonstraram melhor autoeficácia para os grupos que tiveram suporte ao relacionamento social |

| | | | | | | | |
|--|------|-------------------------|--|---|--------|---|---|
| Universidade Estadual de Maringá – UEM | 2022 | Paulo Vítor Suto Aizava | Autoeficácia, robustez mental e desempenho esportivo de atletas de futsal – Estudo 3 | Examinar o impacto da autoeficácia esportiva mediada pela robustez mental no desempenho esportivo de atletas do futsal brasileiro | N= 77; | Escala de percepção de autoeficácia no esporte (Jackson et al., 2012) | Os resultados evidenciaram que a autoeficácia apresentou relação positiva com o número de vitórias, relação negativa com o número de cartões vermelhos e o número de passes |
| | | Lenamar Fioresse* | | | S= M; | | |

Fonte: os próprios autores

Legenda – H: Homens; IM: Idade média; M: Mulheres; NH: Nível de habilidade; n: Número de participantes; S: Sexo; SI: Sem informação; *: Orientador(a) da dissertação ou tese

**A redação de terminologias utilizadas nas dissertações/teses (e.g., autoeficácia, auto-eficácia, auto-eficácia) foi mantida na descrição das informações apresentadas na tabela.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo analisar a produção científica sobre a autoeficácia no contexto esportivo, com foco no cenário brasileiro. Para isso, foram analisadas teses e de dissertações produzidas em língua portuguesa no Brasil. Os resultados encontrados demonstram, de forma geral, que ainda há poucos estudos que discorrem sobre a autoeficácia no contexto esportivo em língua portuguesa no cenário nacional. Especificamente, a primeira dissertação/tese data-se em 2006, com um total de 30 trabalhos (21 teses e nove dissertações). Tais resultados revelam um panorama de estudos recentes com um número ainda baixo de publicações sobre a temática, quando comparados à conjuntura de estudos de outras temáticas analisadas no contexto esportivo (Dominski et al., 2018; Frainer et al., 2017; Souza et al., 2016).

Por exemplo, Dominski et al. (2018), ao analisarem o panorama de estudos analisando o campo de estudos da Psicologia do Esporte no Brasil, encontraram o total de 145 estudos (artigos publicados em revistas científicas), sendo em 1997 o ano do primeiro estudo localizado. Portanto, é possível notar uma diferença de quase uma década (nove anos) entre o primeiro estudo relacionado a Psicologia do Esporte (1997) e o primeiro estudo encontrado analisando autoeficácia no contexto esportivo (2006). Cabe ressaltar que devido a autoeficácia ser um construto da Teoria Social Cognitiva, que se enquadra no campo da Psicologia do Esporte, também pode justificar o fato de mais pesquisas serem encontradas no âmbito da Psicologia do Esporte em relação à autoeficácia no esporte.

Em linhas gerais, é possível verificar que os estudos com enfoque na autoeficácia, quando específicos a áreas de conhecimento e publicados em língua portuguesa, tendem a ser mais recentes em relação a outras temáticas analisadas no contexto esportivo (Bopsin & Guidotti, 2021; Iaochite et al., 2016). No estudo de Iaochite et al. (2017), por exemplo, é apresentado que a primeira pesquisa sobre autoeficácia no campo educacional em periódicos nacionais data o ano de 2003, bem próximo ao primeiro estudo localizado analisando a autoeficácia no contexto esportivo

(2006).

Uma possível explicação para esses resultados pode estar associada a recente crescente quantidade de programas de pós-graduação no Brasil visualizada nas últimas décadas (Morosini, 2009). Somado a isso, a ampliação dos programas de Educação Física no panorama brasileiro, fundamentada na pesquisa de Rigo, Ribeiro e Hallal (2011) e um levantamento da CAPES (2016), nos quais revelou que em 1980 existiam apenas dois programas de mestrado e, em 2016, o número já atingia 32 programas de mestrado e 20 de doutorado. Além disso, o campo de estudos da Psicologia do Esporte teve um notório crescimento a partir dos anos 2000, uma vez que houve aumento na formação de mestres e doutores, o que pode ter impulsionado as pesquisas da dimensão psicológica no esporte (Dominski et al., 2018).

No que se refere à análise das instituições dos estudos, a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) detém o maior número de pesquisas relacionadas a autoeficácia e esporte, com seis publicações. Posteriormente, aparecem a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Estadual de Maringá (UEM) com quatro, e a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com três publicações¹.

É possível notar, de acordo com os resultados apresentadas na Tabela 1, que as instituições públicas conferem 86,7% do total, o que converge com os resultados encontrados em outros estudos analisando o panorama de produção científica no contexto esportivo (Dominski et al., 2018; Souza et al., 2016). Tal achado, por sua vez, poderia ser esperado, já que de acordo com o relatório da Clarivate Analytics para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) sobre pesquisa brasileira demonstram que o Brasil, no período de 2011-2016, publicou mais de 250.000 artigos na base de dados *Web of Science* em todas as áreas do conhecimento, correspondendo à 13ª posição na produção científica global (mais de 190 países), sendo que mais de 95% das publicações referem-se às universidades públicas, federais e estaduais (Cross & Thomson, 2018)

Tais instituições localizadas encontram-se nas regiões sul (n = 17) e sudeste (n = 13), sendo o estado do Paraná com

¹ Os pesquisadores da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Estadual de Maringá (UEM) e a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) pertencem aos referidos grupos de estudos e pesquisas vinculados ao Diretório do grupos de pesquisa no Brasil no CNPq: Laboratório de Comportamento Motor (LACom/UFPEL); Centro de

Estudos do Comportamento Motor (Cecom/UFPR); Grupo de Estudos de Psicologia do Esporte e Desempenho humano (GEPEDH/UEM); Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social (NEVAS/UFJF).

maior destaque (n = 9). Logo em seguida vem Rio Grande do Sul (n = 6), São Paulo (n = 5), Minas Gerais (n = 4), Santa Catarina (n = 2), Rio de Janeiro (n = 2) e, por fim, Sergipe e Pernambuco com apenas uma publicação. Segundo Dominski et al. (2018), as regiões sudeste e sul têm maiores índices no que tange a quantidade de pesquisas relacionadas à Psicologia do Esporte, e esses dados vão de encontro com os achados encontrados no presente estudo sobre autoeficácia no esporte.

A grande concentração de teses e dissertações nas regiões já citadas pode ser explicada pelo maior número de programas de pós-graduação em Educação Física existente e isso, conseqüentemente, estimula a produção científica sobre a temática (Souza et al., 2016). Além disso, ocorrem maiores políticas de indução de produção de conhecimento e maior aporte financeiro para financiamento de pesquisas, exigência de publicação de artigos para credenciamento e sua manutenção, e de pesquisadores em programas de pós-graduação (Pereira da Silva, Gonçalves-silva, & Moreira, 2014). No entanto, mesmo que se tenha, relativamente, uma maior quantidade de estudos nessas regiões, e isso seja positivo, é possível notar uma quantidade ínfima de publicações nas demais como, por exemplo, na região nordeste, onde foi encontrado apenas dois trabalhos sobre autoeficácia e não existência de produções nas regiões centro-oeste e norte. Por isso, é preciso reiterar sobre a necessidade de estudos sobre esse tema em outras localidades do Brasil.

Em relação aos esportes investigados analisando a autoeficácia, é possível notar a quantidade significativa dos estudos que enquadraram determinada atividade em esportes em geral (n = 7). Já sobre os esportes específicos analisados no estudo, a maioria investigou modalidades coletivas (n = 12), porém com um número aproximado de modalidades individuais (n = 11). Especificamente, as mais investigadas foram o voleibol (n = 4), seguido da natação (n = 4) e futebol (n = 3). Esses resultados vão à mesma direção dos achados de Dominski et al. (2018), em que voleibol também foi o esporte mais investigado em estudos relacionados a Psicologia do Esporte em língua portuguesa.

Ainda, segundo Dominski et al. (2018), esse fato pode estar associado às questões de tradição e popularidade desta modalidade em nosso país, que por muitas vezes recebeu grande atenção da mídia, e isso sugere um maior enfoque acadêmico-científico em relação a outros esportes. Em linhas gerais, apesar de uma variedade de esportes terem sido analisados, os resultados apontam a necessidade de ampliar o estudo da autoeficácia em outras modalidades, principalmente, as modalidades individuais de modo a verificar sua abrangência considerando as diferenças visualizadas nos esportes.

Outro resultado a ser destacado refere-se a que apenas uma dessas modalidades investigadas foi de esportes paralímpicos. Os estudos que analisaram as produções científicas sobre esportes adaptados no Brasil ou em língua portuguesa (Schmitt et al., 2017; Souza et al., 2016) se distanciam do presente estudo, ao apontarem a gama de esportes adaptados (por exemplo, bocha, esportes radicais, para

badminton, voleibol sentado, esgrima de cadeira de roda, goalball) e o crescente número de investigações nos últimos anos. No entanto, em comparação aos esportes olímpicos, as produções científicas em língua portuguesa não acompanham o crescimento das modalidades paralímpicas no Brasil (Souza et al., 2016), se fazendo justificável e necessário mais pesquisas sobre outras modalidades esportivas paralímpicas, visto o seu crescimento em diferentes âmbitos de prática nas últimas décadas (Schmitt et al., 2017).

Nos estudos supracitados, a autoeficácia foi analisada, na maioria, por escalas de autoeficácia geral (e.g., Bandura, 2006; Schwarzer & Jerusalem, 1995). Apesar de alguns estudos terem avaliações específicas para determinados esportes (por exemplo, Voleibol – Carmo, 2006; Balé - Silva et al., 2015), tais resultados referentes aos instrumentos de medida vão de encontro aos expostos no estudo de Machado (2014), que segundo a pesquisadora é fundamental que um padrão ouro de avaliação da autoeficácia em contexto esportivo seja criado, em vista do grande uso de questionários não específicos do esporte. Este ponto de vista converge com os pressupostos de Bandura (1977), ao ressaltar o fato de a autoeficácia estar relacionada a uma determinada situação e, desse modo, direcionar os pesquisadores a construírem medidas de avaliação para momentos específicos, apresentando a autoeficácia como um estado. Entretanto, contrastando com o que propôs inicialmente o próprio Bandura (2006, 2008) em seus estudos, a autoeficácia também pode ser generalizada, pois quando orientada a uma circunstância, a mesma pode afetar as crenças na capacidade do sujeito em outra. Por isso, se faz necessário maior especificidade quando nos referimos a autoeficácia esportiva, visto que diferenças nas características nos esportes (e.g., número de praticantes, objetivos, tempo de realização) podem influenciar nas crenças de autoeficácia.

Por fim, a maioria dos estudos teve como objetivo analisar o desempenho esportivo e sua relação com diferentes variáveis, sendo que os resultados apontam, em sua maioria, altos níveis de autoeficácia associados a diferentes esportes. As crenças de autoeficácia ocupam um papel importante na estrutura causal do comportamento porque impactam em alguns determinantes deste, como as metas, as aspirações, as expectativas de resultado, os aspectos emocionais, a percepção de impedimentos ou de oportunidades. Também influenciam nos modos como as pessoas pensam – de forma otimista ou pessimista –, nos cursos de ação exigidos por determinadas tarefas, nos compromissos que têm com suas metas e ambições, nos esforços que colocam e no resultado que esperam desse investimento, na persistência diante de adversidades e de experiências malogradas, nos processos emocionais e fisiológicos que experimentam diante das demandas do ambiente e nas conquistas que conseguem alcançar (Azzi & Polydoro, 2006; Bandura, 2009).

Na mesma direção, também podem ser destacados o segundo maior grupo de estudos associados relacionando a aprendizagem motora e autoeficácia. Os resultados dos estudos, em sua maioria, mostraram que fatores motivacionais que suportam autonomia, competência e

relacionamento social aumentam a autoeficácia e beneficiam, conseqüentemente, a aprendizagem motora. Tal número de estudos pode estar associado ao enfoque do papel da motivação na aprendizagem motora nas duas últimas décadas (Lewthwaite & Wulf, 2012), sendo que no ano de 2016 Wulf e Lewthwaite propuseram a teoria OPTIMAL (*Optimizing Performance through Intrinsic Motivation and Attention for Learning*), sugerindo que fatores motivacionais e atencionais contribuem para o desempenho e aprendizagem motora, fortalecendo o acoplamento de metas e ações – ligação que é feita pelo indivíduo entre seu desempenho e o objetivo a ser alcançado – preparando e otimizando o sistema motor para a execução bem sucedida da tarefa. Dessa forma, a motivação é considerada um elemento crucial para aprendizagem motora. Segundo diferentes perspectivas teóricas, ela abrange a ativação, direção, intenção e intensidade do comportamento, além da disposição de dominar e persistir em certas atividades, influenciada por variáveis ambientais, sociais, pensamentos, processos internos e respostas afetivas (Deci & Ryan, 2008; Wulf & Lewthwaite, 2016).

Desta forma, a teoria OPTIMAL propõe três pilares independentes, com contribuições aditivas que otimizam o desempenho e a aprendizagem motora. Estudos na área da aprendizagem motora têm mostrado que esses três pilares podem afetar de forma positiva a aprendizagem de habilidades motoras separadamente (Chiviacowsky & Wulf, 2002; Cardozo & Chiviacowsky, 2015; Gonçalves *et al.*, 2018; Hadler *et al.*, 2014) ou de maneira aditiva (Wulf *et al.*, 2018; Wulf, Chiviacowsky, & Drews, 2015), sendo a autoeficácia considerada preditor de sucesso gerados a partir da utilização desses diferentes fatores.

De maneira geral, os estudos encontrados analisando a autoeficácia oferecem subsídios para ampliar o entendimento sobre o atual quadro da produção do conhecimento acerca do esporte. Os dados apresentados, bem como a compreensão deles, podem contribuir para o fomento de conhecimentos em áreas mais necessitadas e estratégicas do esporte.

Conclusões

Conclui-se que apesar de um leve crescimento das produções científicas a respeito da autoeficácia em contexto esportivo no cenário brasileiro na última década, ainda é baixo o número de estudos analisando essa temática. Além disso, os estudos encontrados tiveram um enfoque mais acentuado nos esportes coletivos e principalmente olímpicos, o que ressalta a necessidade de maior produção de conhecimento em esportes variados com ênfase em esportes paralímpicos, para o crescimento da área e, por consequência, maior confiabilidade na aplicação do tema.

Por sua vez, o panorama de estudos encontrados ressalta que a autoeficácia quando entendida e aplicada, se torna uma excelente ferramenta para a prática esportiva, em nível profissional, amador, de lazer e saúde, desde o alcance do bom desempenho a partir do bem-estar psicológico do

indivíduo, até sua utilização em estratégias de intervenção no aspecto motivacional dos praticantes, com impacto direto na adesão ou evasão da prática de modalidades esportivas. A partir do presente estudo, espera-se que possamos estimular futuras pesquisas sobre a temática, de forma a agregar conhecimento à área da Educação Física.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio financeiro para a realização deste estudo (Processo APQ-01266-21).

Referências

- Aizava, P. V. S. (2011). *Autoeficácia, qualidade de vida e suporte social relacionados ao esporte de rendimento*. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR.
- Andrade, F. C. (2014). *Comparação entre diferentes parâmetros de controle de carga interna e externa de treinamento, recuperação e rendimento em atletas de natação*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora em Associação com a Universidade de Viçosa, Juiz de fora e Viçosa, MG.
- Aulia, P., Puspasari, D., Fajrika, T., & Salfina, Y. F. (2024). Efectividad del entrenamiento mental para aumentar la autoeficacia y reducir la ansiedad competitiva en deportistas. *Retos*, 58, 511–515. <https://doi.org/10.47197/retos.v58.107680>
- Azzi, R. G., & Polydoro, S. A. J. (2006). *Auto-eficácia em diferentes contextos*. Campinas: Alínea.
- Balaguer, I., Amparo, E., & Villamarín, F. (1995). Autoeficacia em el deporte y em La actividad física: estado actual de La investigacion. *Revista de Psicologia Geral y Aplicada*, 48(1), 139-159. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10550/58497>
- Bandura, A. (1986). *Social Foundations of Thought and Action: A Social Cognitive Theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Bandura, A. (1994). Self-efficacy. In: Ramachaudran, V. S. (Eds.), *Encyclopedia of Human Behaviour* (pp. 71 – 78). New York: Academic Press.
- Bandura, A. (2008). A evolução da teoria social cognitiva. In: Bandura, A., Azzi, R. G., Polydoro, S. A. J. (Org.). *Teoria social cognitiva: conceitos básicos* (pp. 15 – 41). Porto Alegre: Artmed.
- Bandura, A. (2006). Guide to the construction of self-efficacy scales. In: Pajares F., Urdan, T. (Eds.). *Self-efficacy beliefs of adolescents* (pp. 307 – 337). Greenwich, CT: Information Age.
- Becker da Silva, A. M., Luz, T. S. R., de Moraes Afonso, R., de Araújo, M. F., Bittencourt, I. G., de Francisco Carvalho, L., & Enumo, S. R. F. (2015). Escala de Autoeficácia para Bailarinos (AEBAI): construção e evidências de validade. *Avaliação Psicológica*, 14(1), 83 – 88. Recuperado de

- http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712015000100010&lng=pt&tlng=pt.
- Belo, L. D. C. C. W., & Senra, L. X. (2024). Autoeficácia e aquisição de habilidades motoras: uma revisão sistemática da literatura em ensaios clínicos. *Actualidades em Psicologia*, 38(136), 62-76. <https://doi.org/10.15517/ap.v38i136.49281>
- Bopsin, G. B., & Guidotti, C. (2021). Crenças de autoeficácia: uma revisão de literatura no contexto do ensino de física. *Revista de Enseñanza de La Física*, 33(1), 1-10. <https://doi.org/10.55767/2451.6007.v33.n1.33228>
- Bosscher, R. J., & Smit, J. H. (1998). Confirmatory factor analysis of the general self-efficacy scale. *Behaviour Research and Therapy*, 36(3), 339-343. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(98\)00025-4](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(98)00025-4)
- Bray, S. R., Balaguer, I., Duda, J. L. (2004). The relationship of task self-efficacy and role efficacy beliefs to role performance in Spanish youth soccer. *Journal of Sports Sciences*, 22(5), 429-437. <https://doi.org/10.1080/02640410410001675333>
- Campos, C. (2017). *Eficácia percebida por atletas e treinador de judô paralímpico*. (Dissertação de mestrado). Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP.
- Carmo, A. P. (2006). *Adaptação e validação de uma escala de autoeficácia para o voleibol*. (Dissertação de mestrado). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP.
- Cardozo, P. L., & Chiviakowsky, S. (2015). Overweight stereotype threat negatively impacts the learning of a balance task. *Journal of Motor Learning and Development*, 3(2), 140-150. <https://doi.org/10.1123/jmld.2015-0015>
- Chiviakowsky, S., & Wulf, G. (2002). Self-controlled feedback: does it enhance learning because performers get feedback when they need it?. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 73(4), 408-415. <https://doi.org/10.1080/02701367.2002.10609040>
- Clemente, K. P., Souza, J. I., Fernandes, R. P., & da Silva, A. M. B. (2019). Ansiedade, estresse e estratégias de enfrentamento pré-competitivo de jogadores profissionais de basquetebol. *Revista de Psicologia*, 10(2), 128-140. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8085861>
- Codnhato, R. (2017). *Resiliência, estresse e Lesões no Contexto da Ginástica Rítmica de elite*. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR.
- Coimbra, S., Fontaine, A. (1999). Adaptação da Escala de Auto-Eficácia Generalizada Percebida (Schwarzer & Jerusalem, 1993). In: Soares, A. P., Araújo, S., Caires, S. (orgs.), *Avaliação psicológica, formas e contextos* (pp. 1061-1069). VI Braga: Apport.
- Concha-Cisternas, Y., Bravo-Bravo, J., Contreras-Torres, E., & Riveros-Brito, J. (2023). Efectos de un programa de juego motor estructurado sobre la autoeficacia motriz y componentes de la condición física en escolares. *Retos*, 49, 435-441. <https://doi.org/10.47197/retos.v49.97753>
- Corrêa, M. A., & Dias, A. C. G. (2020). Avaliações autorreferentes e práticas esportivas: Comparações entre universitários praticantes e não praticantes. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, 22(2), 429 - 443. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v22n2p444-457>
- Cross, D., Thomson, S., Sibclair, A. (2018). *Research in Brazil: A report for CAPES by Clarivate Analytics*. Clarivate Analytics. Recuperado de <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/17012018CAPESInCitesReport-Final.pdf>
- Da Costa, V. T. *Adaptação e validação do restq-coach para a população brasileira de treinadores esportivos e análise dos constructos de estresse, recuperação e sintomas da síndrome de Burnout* (Tese de doutorado). Curso de Educação Física, Fisioterapia e Terapia ocupacional, Universidade de Minas Gerais, Uberaba, MG.
- Da Silva, T. A. (2013). *O comportamento em treinamento técnico de jogadores profissionais de futebol: um estudo na perspectiva da autorregulação da aprendizagem* (Dissertação de mestrado). Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2008). Self-determination theory: A macrotheory of human motivation, development, and health. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 49(3), 182-185. <https://doi.org/10.1037/a0012801>
- Dominski, F. H., Vilarino, G. T., Coimbra, D. R., Silva, R. B., de Orleans Casagrande, P., & Andrade, A. (2018). Análise da produção científica relacionada à psicologia do esporte em periódicos das ciências do esporte de língua portuguesa. *Journal of Physical Education*, 29(1), e-2930. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v29i1.2930>
- Feltz, D. (1992). The nature of Sport psychology. In: Horn, T. (Ed.). *Advances in Sport Psychology* (pp. 3-11). Champaign: Human Kinetics.
- Ferreira, M. A. C. (2008). *A influência da auto-eficácia e da ansiedade em jogadores de futebol* (Dissertação de mestrado). Setor de Ciências biológicas, Departamento de Educação física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.
- Ferreira, M. C., Thadeu, S. H., da Costa Masagão, V., da Silva Gottardo, L. F., Gabardo, L. M. D., Sousa, S. A. A., & Mana, T. C. T. (2013). Escala de avaliações autorreferentes: características psicométricas em amostras brasileiras. *Avaliação Psicológica*, 12(2), 227-232.
- Feltz, D. L., Chase, M. A., Moritz, S. E., & Sullivan, P. J. (1999). A conceptual model of coaching efficacy: Preliminary investigation and instrument development. *Journal of Educational Psychology*, 91(4), 765-776. <https://doi.org/10.1037/0022-0663.91.4.765>
- Frainer, D. E. S., Abad, C. C. C., De-Oliveira, F. R., & Pazin, J. (2017). Análise da produção científica sobre atletismo no Brasil: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 25(1), 199-211.

- <https://doi.org/10.31501/rbcm.v25i1.6217>.
- Frischknecht, G. (2018). *Avaliação da autoconfiança esportiva em atletas* (Tese de doutorado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Gasperin, M., Biscaia, R. R., dos Santos, A. S., Corrêa, W. H., Vagetti, G. C., & de Oliveira, V. (2022). Relação da autoeficácia e do autoconceito com o desenvolvimento positivo em jovens praticantes de basquetebol: uma revisão de escopo. *Research, Society and Development*, 11(8), e19011830627. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i8.30627>
- Gomes, S. S. (2010). *Quando o jogo flui: uma investigação sobre a Teoria do Fluxo no voleibol*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.
- Gomes, S. S., Miranda, R., Bara Filho, M. G., & Brandão, M. R. F. (2012). O fluxo no voleibol: relação com a motivação, autoeficácia, habilidade percebida e orientação às metas. *Revista da Educação Física/UEM*, 23(3), 379-387. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v23i3.17024>.
- Gonçalves, G. S., Cardozo, P. L., Valentini, N. C., & Chiviacowsky, S. (2018). Enhancing performance expectancies through positive comparative feedback facilitates the learning of basketball free throw in children. *Psychology of Sport and Exercise*, 36, 174-177. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2018.03.001>
- Hadler, R., Chiviacowsky, S., Wulf, G., & Schild, J. F. G. (2014). Children's learning of tennis skills is facilitated by external focus instructions. *Motriz: Revista de Educação Física*, 20, 418-422. <https://doi.org/10.1590/S1980-65742014000400008>
- Hazizah, N., Rusdinal, R., Handrianto, C., Ismaniar, I., & Rahman, M. A. (2024). Warrior Kids games on improving the self-efficacy abilities and fine motor skills of 5–6 years-old children. *Retos*, (56), 639-647. <https://doi.org/10.47197/retos.v56.104892>
- Heidrich, C. V. (2013). *Efeitos da ameaça do estereótipo na aprendizagem motora do futebol feminino* (Dissertação de mestrado). Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.
- Henson, R. K. (2001). *Teacher self-efficacy: substantive implications and measurement dilemmas*. Annual meeting of the Educational Research Exchange, Texas A & M University.
- Hernández, P. Z., Montes Mata, K. J., & Valenzuela Jurado, F. (2023). Autoeficacia para el ejercicio físico antes y durante la Pandemia Covid-19. *Retos*, 47, 1041–1045. <https://doi.org/10.47197/retos.v47.90792>
- Iaochite, R. T. (2017). Crenças de autoeficácia: Considerações teóricas. In Iaochite, R. T., Azzi, R. G. (Eds.). *Autoeficácia em contextos de saúde, educação e política* (pp. 13-28). Editora Letra.
- Iaochite, R. T., Costa Filho, R. A. D., Matos, M. D. M., & Sachimbombo, K. M. C. (2016). Autoeficácia no campo educacional: revisão das publicações em periódicos brasileiros. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(1), 45-54. <https://doi.org/10.1590/2175-353920150201922>.
- Kanthack, T. F. D. (2014). *Imagética motora: Efeito sobre o desempenho de lance livre no basquetebol* (Dissertação de mestrado). Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014, PR.
- Kellmann, M., Kallus, K. W. (2001). *Recovery-stress questionnaire for athletes: User manual*. Illinois: Human Kinetics.
- Klassen, R. M., Tze, V. M., Betts, S. M., & Gordon, K. A. (2011). Teacher efficacy research 1998–2009: Signs of progress or unfulfilled promise? *Educational Psychology Review*, 23, 21-43. <https://doi.org/10.1007/s10648-010-9141-8>
- Kutcher, A. M., & LeBaron, V. T. (2022). A simple guide for completing an integrative review using an example article. *Journal of Professional Nursing*, 40, 13-19. <https://doi.org/10.1016/j.profnurs.2022.02.004>
- Kyrillos, M. H. M. (2016). *Motivos para a prática esportiva e o senso de autoeficácia de atletas* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE.
- Lemos, A. C. (2015). *Efeitos da demonstração autocontrolada na aprendizagem de uma habilidade motora sequencial do ballet clássico em crianças* (Dissertação de mestrado). Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.
- Leão, T. R. L., Ferreira, L., Junior, C. M. L., Freire, G. L. M., Costa, N. L. G., do Nascimento Junior, J. R. A., & Vieira, J. L. L. (2023). Does resilience predict self-efficacy and motivation in dancers?. *Retos*, (48), 229-234. <https://doi.org/10.47197/retos.v48.96799>
- Lewthwaite, R., & Wulf, G. (2012). Motor learning through a motivational lens. In N. J. Hodges & A. M. Williams (Eds.), *Skill acquisition in sport: Research, theory & practice* (2nd ed., pp. 173–191). London: Routledge.
- Machado, T. D. A., Paes, M. J., Berbetz, S. R., & Stefanello, J. M. F. (2014). Autoeficácia esportiva: uma revisão integrativa dos instrumentos de medida. *Revista da Educação Física/UEM*, 25(2), 323-333. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v25i2.21685>
- Machado, T. A. (2018). *Autoeficácia de atletas de voleibol de alto rendimento* (Tese de doutorado). Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.
- Matos, L. F. (2016). *Efeitos do Autoinforme Motivacional no Desempenho do nado* (Dissertação de mestrado). Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Paraná, PR.
- Miralles, V. C., Luján, J. F. G., & Dorochenko, P. (2023). Efectos de la práctica en variabilidad sobre la autoeficacia y el rendimiento en el lanzamiento en baloncesto. *Retos*, (47), 498-504. <https://doi.org/10.47197/retos.v47.95277>
- Moreno, R. M. (2007). *Auto-eficácia de tenista e desempenho esportivo: Perspectivas da Psicologia do esporte* (Dissertação de mestrado). Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP.

- Morosini, M. C. (2009). A pós-graduação no Brasil: formação e desafios. *Revista Argentina de Educación Superior*, 1, 125-152.
- Noce, F., da Costa, V. T., Simim, M. A. M., Castro, H. O., Samulski, D. M., & Mello, M. T. (2011). Análise dos sintomas de overtraining durante os períodos de treinamento e recuperação: estudo de caso de uma equipe feminina da Superliga de Voleibol 2003/2004. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 17(6), 397-400. <https://doi.org/10.1590/S1517-86922011000600005>.
- Nogueira, F. C. A. (2016). *Crença de autoeficácia e ansiedade em atletas de voleibol* (Tese do doutorado) – Processos Psicossociais e Saúde, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.
- Pacico, J. C., Ferraz, S. B., & Hutz, C. (2014). Autoeficácia - Yes weCan! In: Hutz, C. S. (Ed.). *Avaliação em Psicologia Positiva* (pp. 111 – 119). Porto Alegre: Artmed.
- Pajares, F., Olaz, F. (2008). Teoria Social Cognitiva e autoeficácia: uma visão geral. IN: Bandura, A.; Azzi, R.G. e Polydoro, S. *Teoria Social Cognitiva – Conceitos Básicos* (pp. 97-114). São Paulo: Artmed.
- Pesca, A. D. (2013). *Avaliação da eficácia de treinamento na percepção de treinadores de modalidades esportivas* (Tese de doutorado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Rethlefsen, M. L., Kirtley, S., Waffenschmidt, S., Ayala, A. P., Moher, D., Page, M. J., & Koffel, J. B. (2021). PRISMA-S: an extension to the PRISMA statement for reporting literature searches in systematic reviews. *Systematic Reviews*, 10, 1-19. <https://doi.org/10.1186/s13643-020-01542-z>
- Revertido, R. S. (2012). *Pedagogia do Esporte e Modelo Bioecológico do desenvolvimento humano: Indicadores para avaliação de impacto em programa sócio esportivo* (Tese de doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Rigo, L. C., Ribeiro, G. M., & Hallal, P. C. (2011). Unidade na diversidade: desafios para a Educação Física no século XXI. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 16(4), 339-345.
- Rocha, P. G. M. (2013). *O efeito do controle do aprendiz sobre a auto-observação na aprendizagem motora* (Tese de doutorado). Escola de Educação Física e Esporte, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP.
- Saniah, S., Sukamti, E. R., Chaeroni, A., Prayoga, H. D., Prabowo, T. A., Suganda, M. A., ... & Abdhi, M. I. (2024). An analysis of Indonesian student-level boxing athletes: What effect does competition anxiety have on self-efficacy?. *Retos*, (55), 1030-1037. <https://doi.org/10.47197/retos.v55.106784>
- Schmitt, B. D., Bertoldi, R., Ledur, J. A., Begossi, T. D., & Mazo, J. Z. (2017). Produção científica sobre esporte adaptado e paralímpico em periódicos brasileiros da educação física. *Kinesis*, 35(3), 68 – 79. <https://doi.org/10.5902/2316546427494>
- Schwarzer, R.; Jerusalem, M. (1995). *Generalized self-efficacy scale. Measures in health psychology: A user's portfolio* (pp. 35-37). Windsor, UK: Nfer-Nelson.
- Silva, A. M. B., Luz, T. S. R., Afonso, R. D. M., Araújo, M. F. D., Bittencourt, I. G., Carvalho, L. D. F., & Enumo, S. R. F. (2015). Escala de Autoeficácia para Bailarinos (AEBAI): construção e evidências de validade. *Avaliação Psicológica*, 14(1), 83-88. <https://doi.org/10.15689/ap.2015.1401.09>.
- Souza, D. L., Moraes, M., & Moreira, T. S. (2016). O perfil da produção científica online em português relacionada às modalidades olímpicas e paralímpicas. *Movimento*, 22(4), 1105-1120. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.64591>
- Sunarti, V., Rahman, M. A., Handrianto, C., Syuraini, S., Putri, L. D., Azizah, Z., & Nor Azhar, N. F. (2024). Comprender el empoderamiento de las mujeres a través del ejercicio: conocimientos de un estudio sobre actividad física y autoeficacia. *Retos*, 58, 227–237. <https://doi.org/10.47197/retos.v58.106803>
- Ureña, M. del R., Ortega Ruiz, R., & Benítez Sillero, J. de D. (2023). El papel de la autoeficacia y la condición física en la sostenibilidad de la actividad física en mujeres adultas de mediana edad. *Retos*, 49, 701–712. <https://doi.org/10.47197/retos.v49.98105>
- Williams, S. L., & French, D. P. (2011). What are the most effective intervention techniques for changing physical activity self-efficacy and physical activity behaviour—and are they the same?. *Health Education Research*, 26(2), 308-322. <https://doi.org/10.1093/her/cyr005>
- Wulf, G., Chiviawsky, S., & Drews, R. (2015). External focus and autonomy support: Two important factors in motor learning have additive benefits. *Human Movement Science*, 40, 176-184. <https://doi.org/10.1016/j.humov.2014.11.015>
- Wulf, G., & Lewthwaite, R. (2016). Optimizing performance through intrinsic motivation and attention for learning: The OPTIMAL theory of motor learning. *Psychonomic Bulletin & Review*, 23, 1382-1414. <https://doi.org/10.3758/s13423-015-0999-9>
- Wulf, G., Lewthwaite, R., Cardozo, P., & Chiviawsky, S. (2018). Triple play: Additive contributions of enhanced expectancies, autonomy support, and external attentional focus to motor learning. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 71(4), 824-831. <https://doi.org/10.1080/17470218.2016.1276204>

Datos de los/as autores/as:

Fabio Oliveira Ramos

fabioramos395@gmail.com

Autor/a

Priscila Lopes Cardozo
Desirée Goulart Souza
Ricardo Drews

priscilacardozo88@gmail.com
degoularts@gmail.com
ricardo.drews@ufu.br

Autor/a
Autor/a
Autor/a